



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Mário Mourão

* Renato Báez

Mário Mourão nasceu a 26 de julho de 1877, na cidade mineira de Bom Sucesso. Filho do casal cel. Martinho de Freitas Mourão e dona Herculana Lopes Cançado Mourão. Tendo ocorrido a mudança de residência da sua família para São João Del Rei, antiga e culta urbe mineira, Mário, ao completar 6 anos de idade, foi matriculado na Escola do Professor João dos Santos.

Concluindo o curso primário, Mário matriculou-se na qualidade de aluno interno, no Colégio Protásio Ferreira Guimarães, em Bom Sucesso, iniciando o curso secundário. Em janeiro de 1891, a sua família mudou-se de São João Del Rei, em definitivo, para Poços de Caldas, onde Mário concluiu o curso secundário. Em fevereiro de 1891, seguiu para São Paulo, a fim de matricular-se, como interno, no Colégio Ivaí, com vistas a submeter-se ao Curso de Preparatórios.

Em dezembro de 1894, fez o último ano do curso, retornando a Poços de Caldas, bela estação balneária, situada a 1.184 metros acima do nível do mar. Em 1895 entrou para a Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, hoje Universidade Nacional de Medicina, concluindo o curso em 1899. Sua tese de doutorado "Da Ca-

tatonia", foi aprovada com distinção, no dia 18 de janeiro de 1900.

Regressando a Poços de Caldas, após três meses de descanso, decidiu iniciar as suas atividades profissionais, com clínica médica em Franca, no Estado de São Paulo, permanecendo depois, embora por pouco tempo, em Jardinópolis. Nessa época, integrou a comitiva do presidente Campos Sales à República Argentina.

Ao retornar do Prata, esteve, a título de observação, em Seretãozinho/SP, a seguir em Ribeirão Preto/SP, transferindo-se para Serra Azul/SP, onde fixou residência. Em 10/11/1906, convolveu núpcias com a senhora Placidina Nascimento Martins, da sociedade serra-azulense. Nessa era bacteriológica fez vários estágios de estudos, para obter especializações junto dos lumináres da Medicina na capital de São Paulo.

Em princípio de 1910, dr. Mário Mourão voltou com a família para Poços de Caldas, após nove anos de ausência, acompanhado da esposa e dos filhos Maria do Rosário Mourão Davis (Nini) e Martinho de Freitas Mourão, trazendo o consagrado renome de cientista, como abalizado clínico e crenólogo, com intensiva e vitoriosa prática profissional.

Em 1912, o dr. Mário esteve na França (Paris), durante oito

meses, para o seu aprimoramento clínico. Em 1931 e 1932, assistiu às festas de formatura e entrega de diplomas de médico de seus filhos Martinho de Freitas Mourão e Benedictus Mário Mourão, na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro.

Ao lado de sua intensa vida médica, exerceu o Jornalismo e a literatura científica. Fundou a "Revista Brasileira de Crenologia", em 1933, juntamente com os doutores Martinho de Freitas Mourão e Clodoveu Davis. Com o "Livro dos Velhos", elementos de Geriatria Brasileira, editado em 1945, o dr. Mário Mourão introduziu no Brasil a Geriatria e a Gerontologia. No terreno da ciência médica, deixou as seguintes obras:

1936 — Orientação cronológica sobre tratamento de úlcera do estômago e duodeno;

1936 — Moléstias dos cinqüenta anos;

1937 — As injeções endovenosas da água sulfurosa de Poços de Caldas;

1938 — Poços de Caldas. Síntese crenológica;

1939 — Tratamento hidromineral das moléstias do fígado;

1939 — Cura hidromineral das moléstias do fígado (Estudo das Águas Minerais de Caxambu, São Lourenço, Cambuquira e Lambari);

1940 — A cura hidromineral da

úlcera do estômago;

1941 — Climatério masculino e a vida intelectual;

1941 — Cura hidromineral do reumatismo em Poços de Caldas;

1942 — Macroorganismo no reumatismo e sua cura hidromineral em Poços de Caldas;

1945 — O "Livro dos Velhos" e a ciência de envelhecer depois de 60 anos;

1947 — Paralisia infantil e febre reumática.

Em novembro de 1918, a estação balneária foi flagelada com a maldição da pandemia da gripe, que atingiu o dr. Mário Mourão. Curando-se, com a mentalidade arejada e firme, deliberou enrolar a bandeira de filosofismo incrédulo... Converteu-se. Fez-se católico praticante.

Usando de seu prestígio junto ao diretório político local, conseguiu, no governo de Delfim Moreira, a criação da Comarca de Poços de Caldas, instalada solenemente aos 20 de janeiro de 1917. Na qualidade de provedor da Irmandade de São Benedito, cuja Capela fora erguida em 1905, e se encontrava necessitando de reforma e ampliação, o dr. Mourão obteve, por doação, a área necessária para a construção da moderna igreja, na mesma cidade, tendo sido inaugurada em 1927. Sua festa é no dia 13 de maio.

Em 1927, pronunciou confe-

rência na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro sobre o incontestável valor das águas sulfurosas de Poços de Caldas em novas aplicações terapêuticas.

O dr. Mário Mourão ofereceu à antiga Igreja Matriz as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, adquiridas em Portugal. Faleceu a 1º de maio de 1957, aos 80 anos de idade, enquanto dona Placidina, sua esposa, faleceu a 11 de março de 1961. Recebeu as seguintes homenagens públicas: no jardim da praça D. Pedro II, em Poços de Caldas, é destacado em belo monumento. Lá mesmo, no salão de entrada, tem uma placa de bronze no "Balneário Mário Mourão". Ainda no mesmo jardim e praça D. Pedro II está a terna do dr. Mário Mourão.

Na capital paulista, o ex-prefeito Prestes Maia, pelo decreto nº 6.006, de 08/12/1964, deu o nome de dr. Mário Mourão a uma rua no atual Parque Jabquara, no subdistrito de Ibirapuera. Nessa artéria, ergue-se imponente a Igreja Cristo Rei, construída pelos moradores daquele populoso bairro da Paulicéia.

* Renato Báez é membro da Academia Cristã de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Aos meus colegas de 36

*Quisera, neste reencontro tão gostoso,
Dizer tudo sobre a turma
De trinta e seis da nossa Faculdade,
Expressar de modo amoroso,
E em poucas palavras eu exprima
O que se fez enquanto passava a idade.*

*Cada um cumpriu seu dever
De acordo com suas forças e desejo,
Pelo Brasil afora espalhando
Em tudo com seu desempenho e saber,
Saúde e bem-estar, num lampejo
De luzes, ao povo beneficiando.*

*E agora aos que ficaram
Nosso respeito sempre devido.
E aqueles que com nossa tristeza se foram
Levados pelo tempo inclemente
Com grande pesar, reprimido,
Os manteremos sempre na mente.*

*Daqui para diante,
Cada ano que sobrar,
Festejaremos sempre em frente,
Pras lembranças e para amar.*

*Até o próximo ano
Se Deus quiser*

Hallim

Texto lido durante a comemoração dos 55 anos da turma de 36 da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha.

Prof. Waldemir

* Geraldo W. S. Gonçalves

"Sua notoriedade e seu saber são reconhecidos d'aquem e d'além mar..... no Rio e em Niterói."

Esta assertiva, entre jocosa e irônica, tomou dimensões folclóricas; e tem sido usada e adaptada a diversos autores, "vítimas" e ocasiões.

Posso afirmar, contudo, que os testemunhei no "original": o autor, professor Berardinelli; a "vítima", o professor Pedro da Cunha; e a ocasião: o concurso para provimento da Quarta Cadeira de Clínica Médica da então Faculdade Nacional de Medicina.

Era corrente o ano de 1941 e, no salão nobre da vetusta "Praia Vermelha", pleno de mestres e de estudantes de Medicina — cursava eu o terceiro ano médico — terçavam armas, examinadores e candidatos; estes os eminentes, já mestres de prestígio, Luiz Capriglione e Berardinelli, defendiam suas teses; a deste, sobre inusitado tema: "Periartrite Nodosa".

Também presenciavam o episódio Afonso Tarantino Berardinelli, seu sobrinho, e meu querido colega de turma Mário Giórgio Marrano; ambos tornaram-se assistentes diletos até o falecimento do parente e amigo, para tornarem-se, ambos, fiéis guardadores do seu magnífico patrimônio médico-científico e moral.

Fortes eram as farpas lançadas pelo conhecido mestre fluminense, professor Pedro da Cunha; como de comum eram os concursos de então. Não se dando por vencido, Berardinelli — aliás vencedor com a nota máxima, lhe atribuída por todos os examinadores — utilizou-se de suas sabidas verve e inteligência, para, com diplomacia, replicar com "estocada" de exímio esgrimista da, palavra, iniciando sua defesa, com a assertiva que encima estas linhas; eis que, ferindo a solenidade de momento e local, fez-se ouvir forte e geral gargalhada, a que não se furtou sequer referido examinador.

Pela primeira vez, ouvira eu falar daquela nosologia, sem ter idéia de que, cerca de uma dúzia de anos depois, ela haveria de ser um dos meus interesses maiores, como reumatologista. E, passados cinquenta anos, guardo carinhosamente a preciosa tese, como memória inolvidável do mestre e de sua retumbante vitória.

Pertenci à primeira turma — 1942 — desde então regida por Berardinelli, substituindo à al-

tura o excelso Aluysio de Castro; este, para conhecimento dos de hoje, filho do "divino mestre" Francisco de Castro, discípulo diletto de nosso patrono maior, João Vicente, barão de Torres Homem.

Nosso biografado foi daqueles predestinados para o magistério. No dizer de Almeida Prado, "nasceu para ensinar, tal a sua lucidez, o seu modo expositivo, sua clareza e interesse didático; e não perdia oportunidade para, com ironia e humor, amenizar os mais áridos assuntos.

Vindo à luz em vinte e sete de junho de 1903, na cidade de Jacareí, em São Paulo, ali cursou o Grupo Escolar Carlos Porto, de 1911 a 1914; o então "curso secundário" o perfez no Ginásio São Joaquim, dos eméritos educadores salesianos, em Lorena, no período de 1914 a 1918; logo em 1919 adentraria a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual graduou-se em Medicina em 1924.

Precoce foi o seu ingresso na carreira do magistério, quando, logo após formado, foi convidado pelo mestre da Propedêutica de então, o professor Juvenil da Rocha Vaz, então diretor de nossa instituição mater de ensino, a "Praia Vermelha". Como assistente da cátedra de Clínica Médica daquele que seria depois seu sogro, mas discípulo diletto por seus sólidos conhecimentos; que logo comprovaria ao submeter-se em 1929 a concurso para livre docência.

Como tal, desvincular-se-ia daquele mestre e amigo, pois nosso biografado recebeu importantes convites para interinidades, como catedrático de Clínica Neurológica, da Faculdade Fluminense de Medicina (1913); de Clínica Médica, da mesma Faculdade (1937); e de Clínica Propedêutica Médica, da Faculdade Nacional de Medicina (1937-1941).

Com a aprovação em primeiro lugar, no já citado concurso, passou, a partir de 1942, a catedrático efetivo, para, logo em 1945, assumir a 4ª Cadeira de Clínica Médica, iniciando grande reformulação: incluindo a criação de setores diversos da Medicina Interna e enriquecendo a tradicional 20ª Enfermaria do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, com modernos serviços complementares de diagnóstico. Ali, porfiou até o seu falecimento precoce, a 26 de janeiro de 1956.

Assim mesmo, sua vida, de menos de 53 anos, seria marcada por intenso e proveitoso tra-

balho, em prol da Medicina brasileira e de seu ensino; e ainda lhe sobrava tempo para grande cópia de funções, além das didáticas.

Desta forma, e entre aquelas, foi diretor do Hospital Escola São Francisco de Assis, desde 1948, até o seu falecimento; além do que fundou e editou várias publicações médicas: "O Hospital", "Seminário Clínico", "Acta Clínica", e "Arquivos Brasileiros e Endocrinologia e Metabologia".

Sua adesão à Escola Rocha Vaz fê-lo abraçar a Biotopologia e a Patologia Constitucional; para tanto, estagiou nos serviços do professor Nicola Pende e M. Barbara, em Gênova (Itália); e, com o último seria co-autor da Classificação Biotopológica de Berardinelli-Barbara, então universalmente aceita como das mais perfeitas; frequentou, também, o serviço do professor Lablé, em Paris, e do professor Lian, da mesma cidade; aquele, também de Biotopologia e este de Cardiologia.

Pois o eminente mestre incurcionou brilhantemente nos diversos campos da Clínica Médica, incluindo-se a Endocrinologia Clínica, de que foi pioneiro no Brasil, fundando e dirigindo, na Santa Casa, o Instituto de Endocrinologia e Metabologia. Neste capítulo, descreveu o

que ficou aceito como "Síndrome de Berardinelli", que definiu como "Precocidade sexual e somática, com alguns quadros de Síndrome de Gushing (1953)"; e que mereceu acolhida de publicações, além das brasileiras, em castelhano, francês, italiano e em inglês.

Sua bagagem científica, iniciada ainda como estudante (1923), pontifica com quase duzentas publicações, entre trabalhos científicos e teses; e livros didáticos e literários. Daquelas, cerca de quarenta foram publicados no estrangeiro, em francês, castelhano e italiano. Do que lhe valeu extensa cópia de títulos e honrarias: da França, Itália, Argentina, Uruguai e Chile. No Brasil, era sócio, membro honorário e correspondente de excepcional número de entidades médicas. E da Academia Nacional de Medicina foi membro titular e membro honorário.

Doenças do grupo reumático foram de suas primeiras preocupações; assim que, já em 1931, foi o primeiro a diagnosticar, em vida, um caso de Periartrite Nodosa (atual Poliarterite Nodosa); naquele ano, publicou trabalho no Brasil, que seria acolhido, em 1933, pela tradicional e exigente "Presse Medicale", da França. Em 1935, veio à luz seu trabalho sobre "Síndromes Postu-

rais". Dois trabalhos sobre Síndrome de Sjögren publicaria em 1945 e 1951; e, em 1954, outro sobre Síndrome de Reiter.

E, das mais importantes para a época, para a sua divulgação e melhor entendimento, foi a "memória", publicada pela Gazeta Médica Portuguesa (vol. VIII-jan.fev.1955, nº 01), sob o título "Conjuntivoses" e subtítulo "Colagenoses, Elastoses e Fundamentos". Constituiu-se em trabalho introdutório dos mais importantes, servindo-se do que de mais atualizado na bibliografia, e dando sua esclarecida posição pessoal, no encaminamento de matéria, para muitos ainda confusa, só mais tarde posta nos atuais conceitos.

Haveria de parecer, no entanto, pelos assuntos até agora referidos, que Berardinelli só tinha olhos para assuntos incomuns. Na verdade, não lhe faltou a incursão sobre assuntos e nosologias mais encontradas, da maior importância; isto ele faria desde seus primeiros anos de médico e de professor de Medicina.

Autor, entre 1933 e 1937, de cinco compêndios. "Casos Clínicos Comentados" e Clínica Médica, volumes I a IV, incluídos em suas aulas ali publicadas judiciosas exposições sobre Reumatismo Poliarticular Agudo

* Carlos Alberto Pessoa Rosa

É interessante como algumas opiniões jogadas ao acaso, em uma conversa descompromissada, como essa que ouvi de um colega médico — hoje, mais empresário que médico —, enquanto o examinava, podem ter um peso muito maior do que parece à primeira vista. Eu me preparava para examiná-lo, quando veio com essa:

— O que faz com que um jovem se decida a conviver com o sofrimento e ser médico?

O quê??? A primeira reação foi rejeitar a questão, evitar o aparecimento de qualquer discussão improdutiva. Ilusão... Sai com a pergunta redondilhando meu pensamento, como a névoa que pouco a pouco vai ocupando todos os espaços. Resolvi tentar escrever sobre o assunto, tentar clarear essa obscuridade que, como uma pai-

xão, me impedia de pensar em outra coisa que não fosse o porquê.

É um sábado de outono, a ausência de movimento e um silêncio denso — como disse Lerminsky referindo-se a sua cidade: tão denso que dá para cortá-lo em fatias — espreitam-me. Parece que a tarde parou aguardando uma resposta minha. Vocação foi a primeira palavra que a reflexão me apresentou. Explicaria? Deparei com a primeira encrenca. O que viria a ser vocação? Hoje, com meus quarenta e uns trocados, soa-me uma palavra vazia, apesar de impor um certo respeito pela sua sonoridade. Recorri ao Aurélio:

[Do lat. vocatione.] S.f. 1. Ato de chamar. 2. Escolha, chamamento, predestinação. 3. Tendência, disposição, pendor. 4. P. ext. Talento, aptidão. 5.

Brasil, RJ. Terreno ao qual a natureza se adapta de modo admirável. Vocação hereditária. Jur. Chamamento dos herdeiros legítimos à sucessão ab intestato com observância da ordem prevista na lei civil.

À primeira vista, parece ajudar. E não ajuda, mesmo. Não saímos do lugar. A palavra induz a um movimento, um chamamento, uma tendência a um talento, até sugere formas transcendentes, mas não nos explica o porquê. Os caríocitos riscam uma comparação com a natureza. Se o objetivo da árvore é crescer e dar seus frutos, se isso ocorreu em determinado terreno, eis aí uma vocação.

— Aquela terra tem vocação. Torna-se interessante o fato de o objeto de vocação ser o terreno e não a árvore; o terreno traz em suas entranhas elementos que permitem o crescimento do outro. Transpondo a id-

ar Berardinelli

(Doença de Bouillaud), Ciáticas, Costelas Cervicais e Dores Escápulo-braquiais.

Em relação ao primeiro, consta de um dos seus tomos de Clínica Médica (aulas práticas e elementares, 1933) uma circunstanciada revisão das diversas teorias sobre a etiologia e a etiopatogenia da D. de Bouillaud; desde as "monadidas" de Klebs (1875), o "plasmódio" de Fiedler e o "microbácio" de Mantle (1887), o diplococo de Achalmé — que foi encontrado no sangue e no líquido pericárdico —; os "estafilococos de Gutman", o dito "citreus" de Sahli, o "diplococo de Meyer", com o qual este reproduziu cinco vezes, em animais, o quadro clínico do "Reumatismo Poliartricular Agudo"; até a "bacilomía tuberculosa" de Lowenstein, Reiter e Kern (Viena, 1932).

Mas suas "simpatias" já se voltavam para a teoria estreptocócica, iniciada com Wassermann, Malokoff e Westphal (1899), a que dava crédito, em que pesasse o fracasso das VACINAS; e confessa sua concordância com Rolleston, que, em favor dela, insistiu na "Conference of Rheumatic Diseases", realizada na cidade de Bath (1928). Apenas não parecia ser de seu conhecimento, mais afeito que era à bibliografia francesa, a idéia conclusiva de Schlesinger (1930), definindo a vin-

culação "Febre Reumática-Estreptococo", com provas clínicas e bacteriológicas.

No que toca à etiopatogenia, Berardinelli referiu-se, com certeza, sobre a necessidade de uma "predisposição individual", que ele, em sua convicção "biotipológica", relacionava com o biótipo "longilíneo"; como também defendeu a presença do "mecanismo alérgico, por hipersensibilidade".

Esta forma, estavam presentes em sua ciência os elementos cruciais, hoje desenvolvidos em mais adequados e científicos padrões, da etiopatogenia do "Reumatismo Poliartricular Agudo": a "primo-infecção estreptocócica", de "sede amigdaliana", a predisposição individual ou familiar e a hipersensibilidade.

Magistral é, também, a sua exposição sobre "Sciática", de 1935, ressentindo-se, por óbvio, da "teoria discal" de Barr (1934). Inicia aquela com uma recomendação aos alunos, que revelam seu respeito pelo paciente, como sua refinada verve: "Cuidado ao exame de quem já muito sofre com a doença; não o façam penar também com o diagnóstico." E, com notável didática, guia os discípulos na execução das manobras de Lasegue, de Sicard, de Bonnet e de Neri, dando-lhes a técnica e o mecanismo sinto-

mático. Chegando à "contra-prova de Carina", que nosso precursor identificou com a "posição de Jeca Tatu", conferida por Monteiro Lobato a seu personagem, compatível com um "bom repouso neuromuscular."

Para não me ater às suas minuciosas considerações anatômicas, que alinha com precisão, anoto suas interpretações para a "escoliose heteróloga" e da dor "pela tosse ou espirro"; aquela, objetivando "abrir os buracos de conjugação" e "folgar a raiz comprimida"; esta, provocada pelo choque das visceras subdiafragmáticas sobre as raízes, ou, sobre estas, do próprio líquido céfalo raquidiano, "tensionado pela hipertensão plexo-venosa".

E enfatiza a importância do imprescindível exame radiológico, para identificar os processos tumorais, infecciosos, metabólicos ósseos; ou as malformações vertebrais da junção lombo-sacra, além de, evidentemente, os osteófitos. Já então lembrava a necessidade do exame eletromiográfico para conhecimento de "provável degeneração do nervo", pois que, à época, a possível presença de neurites, diabética, sifilítica, saturnina etc. estavam nas cogitações etiopatogênicas.

No que tange ao tratamento ressalta a pouca resposta com os

analgésicos usuais, fazendo recorrer aos opiáceos. Ocupa-se com detalhes da utilização da "medicina física", analgésica, pelas ondas curtas, e pela cinesioterapia para evitar ou remediar atrofia muscular.

"Dores escápulo-braquiais" foram de sua atenção, em brilhante e erudita exposição, no Tomo III de sua Clínica Médica (1935). Definindo-a como os "fenômenos dolorosos e parastésicos da espádua e do braço", alinha o que hoje se identifica como "Neuralgia Cérvicebraquial" e o quadro, por mim definido como "Ombro Doloroso Autóctone", como um dos mecanismos da síndrome dolorosa de que cuida. E, mui circunstancialmente, refere-se a outros mecanismos, como as "neuralgias de causa desconhecida", os processos ósseos neoplásicos e infecciosos, a "angina do peito" e a "costela extranúmerica cervical", objeto esta de minuciosa exposição, no Tomo II de sua já citada obra (1934); e cita Chaumet (1934), para incluir a "mega-apófise transversa" e as "formações osteofíticas, em geral localizadas entre C5 e C6".

Não descurando de seu romantismo, se refere à "braquialgia dos amantes", produzida pelo doce traumatismo da cabeça feminina, repousando entre o peito e o braço do companheiro; o que observaria eu, por várias vezes. É de se notar que, já à época, nosso festejado precursor insistia na frequência expressiva das "dores escápulo-braquiais", como um todo, chamando atenção sobre a grande predominância das "periartrites escápulo-humerais".

Sobre estas, cuja denominação remonta a Duplay (1872), faz das melhores descrições anatomo-clínicas, traduzindo-as como "Bulsite subacromial"; e este quadro inflamatório, crônico, como definia o mesmo Duplay, Berardinelli vinculava, primitivamente, a uma "calcificação do tendão do supra-espinhoso", eventualmente do infra-espinhoso, sendo a "bolsa" acessoriamente atingida.

De sua exposição consta histórico das "calcificações", que o advento do "roentgen-diagnóstico" viria identificar; de princípio foram tidas como "fraturas parcelares", despercebidas, da cabeça humeral (Tuffir, 1900 e Jacob/Potruin, 1902), só depois vinculadas aos tendões ainda hoje aceitos como suas sedes (Holzknecht, 1911).

Na etiopatogenia, expressa nosso precursor sua convicção

da importância dos "microtraumatismos, nos pinçamentos e roturas dos tendões referidos e da própria bolsa". De outra parte, descarta, por suas pesquisas, que o metabolismo do cálcio esteja em causa.

Ressalta as calcificações como achado radiológico acidental, vez que concorda em que muitos dos casos são assintomáticos; e deplora que não poucos casos sejam levados à cirurgia, para ablação daquelas, quando são freqüentes as curas espontâneas; assim como o tratamento clínico — repouso inicial, movimentação precoce, os salicilatos — dá comumente resultados que a cirurgia não prevê, mesmo porque, observa-se, com alentada freqüência, o desaparecimento, por reabsorção, do que seria retirado pelo bisturi.

É partidário da "Roentgenterapia de pequenas doses", em qualquer forma, aguda ou crônica, pois que tem observado a exacerbação dolorosa, no uso do diatermia em casos agudos, não parecendo ser de seu conhecimento a crioterapia.

Tenho me reportado ao que nosso biografado afirmou há cerca de sessenta anos; e nos abisma tantos conceitos de sabor bem atual; e que ele abraçava com a força de idéias próprias, fruto de suas diuturnas observações, temperadas por seu senso de clínico e de pesquisador; e, com desassombro, descartava aquelas ultrapassadas e mesmo absurdas, por sua ilogicidade e pouco senso.

De modo que, com admiração e respeito por ambos, aqui reproduzo o que seu antecessor na cátedra, o excelso Aluísio de Castro, dele disse (1956): "Uma por uma, gloriosamente, Berardinelli virou depressa as páginas de seu destino, da sua bela vida, vivida com nobre esforço, como um ato de amor e de fé. Não descure a nova geração o exemplo que ele deixou; e saiba recordá-lo, com indefectível fidelidade."

Uma daquelas páginas ele dedicou às doenças de que cuidamos, o que lhe valeu haver sido, com muita justiça, fundador e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia (1949-1951). E o registro que esta minha modesta obra lhe faz de "precursor-pioneiro" da Reumatologia brasileira tenta prestar-lhe tributo, por todos nós devido, recordando-o com "indefectível fidelidade".

* Geraldo W. S. Gonçalves é membro da Academia Cearense de Letras.

ção

para o homem, poderíamos arriscar algo como: há um terreno — no caso o homem — propício para o crescimento de determinadas potencialidades. Que potencialidade seria essa que levaria alguém a ser médico? A Medicina, o sofrimento alheio, a morte sempre atraíram olhares curiosos, mesmo que indiretos e cuidadosos — fosse qual fosse a época; houvesse ou não perseguição religiosa; fosse o profissional valorizado e bem remunerado, ou não.

Os juristas adaptaram a palavra a sua necessidade. Difícil, se não impossível, transportar a idéia para nosso discurso. Nem todos os filhos de médicos são médicos, se bem que me parece, à primeira vista, ser um número bastante representativo. Se isto for real, não poderia estar aí um forte indício do porquê? A curiosidade de entender essa "coisa estranha, indefinível" que leva um ser humano a

cuidar do outro, e que estaria mais presente nos filhos dos médicos? Essa curiosidade de querer conhecer e, quem sabe, poder atuar sobre a morte? Todos que procurei nada ofereciam de novo. A maioria contentava-se em achar que era vocação. Quando perguntados o que viria a ser vocação, procuravam fugir do assunto.

Lembrei-me de alguns colegas que haviam abandonado o curso. Talvez estivesse aí a resposta. Por que tomaram um rumo oposto aos outros? O que descobriram? Por que essa ausência do porquê? Nova ilusão... Os poucos que consegui encontrar em casa, além de estranharem o motivo do telefonema, responderam vagamente. Falta de jeito, não tinha vocação...

Rodamos, rodamos. rodamos... continuamos no mesmo lugar. Que terreno será esse, qual a sua essência? Ainda mais

agora, que vemos, apesar de condições adversas que levam o profissional a conviver duplamente o sofrimento alheio, uma multidão de jovens concorrendo a uma vaga na Faculdade de Medicina?

O estômago trouxe-me de volta à realidade. Caneta roçando os lábios, o Aurélio aberto sobre a escrivaninha, não percebera o tempo passar. O vidro embaçado pelo bafo do outono refletia meu rosto preocupado na janela. Acabara de descobrir a encrenca em que havia me metido. Por que resolvera, afinal, ser médico?

* Carlos Alberto Pessoa Rosa é membro titular das Sociedades Brasileiras de Cardiologia e de Clínica Médica; sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores e professor assistente de Clínica Médica da Universidade São Francisco, de Bragança Paulista.

Vandalismo dos pichadores

• Edmundo Maia

Os pichadores de nossos dias reúnem-se em gangues cujos nomes refletem bem o sentido de rebeldia, de moleçagem, de vandalismo que os empregam. "Diferentes", "Secura", "Loucos das 7", "Anti-Cristo", "Xuim" (melhor seria "Ruim"), "Canalhas", "Imorais", "Tribunais" e outros similares.

Esses pichadores divertem-se como crianças mal-educadas ou como contestadores retardados, emporcalhando, com seus rabiscos desagregados e sem arte, o visual dos muros e paredes de prédios e dos monumentos históricos merecedores de respeito cívico, como o Cristo Redentor, a Igreja da Candelária, a Basílica de Aparecida, a Catedral de Brasília, o Mausoléu da Constituinte, o Museu do Ipiranga, o Memorial da América Latina e outros bens públicos.

A pichação do Cristo Redentor provocou indignação na opinião pública. Apenas os dois jovens "debilóides", escreveu um jornalista, se proclamaram "heróis" e foram aplaudidos por uma minoria insignificante como eles. Um dos pichadores, que interrompeu os estudos, contou que foi pego sete vezes e que chegou a apenhar de moradores e de policiais. Afirmou que gosta de aventuras e que para isso "não precisa de faculdade". Fricou ainda que se não fosse

proibido, pichar não teria graça...

Os pichadores são pessoas egocêntricas, narcisistas, exibicionistas, geralmente pouco dotados de inteligência e de criatividade (senão seriam, pelo menos, grafiteiros). Julgam ter direito de fazer o que gostam, sem medir consequências. Agem como crianças que usam e abusam do princípio do prazer próprio da idade. Só que praticam atos de vandalismo em busca de uma fama ridícula e negativa, mesmo enfrentando riscos de ser agredidos, presos ou sofrer acidentes, alguns fatais. Recentemente um jovem despençou de uma parede alta e morreu tragicamente. Outro foi assassinado, na rua, provavelmente por rivalidade entre "gangues" de pichadores.

Esses jovens acham que ser pichador "é a maior boiada" e que "o crime compensa". Julgamento distorcido. Porque o jovem sadio busca emoções em fontes positivas, praticando esportes, dedicando-se à arte, à música, à literatura, à ciência, ao trabalho produtivo, até em espírito de competição, coisas que o levam a conquistas, destaques de vitórias.

Sabe-se que alguns componentes dessas gangues contestadoras e anti-sociais são considerados portadores de distúrbios emocionais, intelectuais, comportamentais ou mentais. Nestes casos, es-

ses pichadores estão necessitando mais de cuidados psicológicos ou psiquiátricos do que de interferência punitiva e policial.

Os pichadores do Cristo Redentor foram julgados e condenados pela Justiça carioca a prestar oito horas de serviços comunitários durante seis meses. Esta condenação, além de servir de exemplo, revestiu-se de grande importância, porque rompeu a tradição de impunidade, tão comum em nosso país. E merece louvores pela criatividade e sensatez do MM. Juiz, ao obrigar os infratores a reparar, de modo produtivo e sem necessidade de reclusão, sua culpa.

A reclusão é pouco ou nada recomendável pelo risco de colocar os jovens pichadores em companhia de infratores perigosos, de reincidentes ou de psicopatas, fomentadores de outros tipos de criminalidade.

O advogado Caetano Atarí Filho, depois de ter o muro de sua casa e de seu escritório pichado várias vezes, virou caçador de pichadores. Usa gritos e discursos moralizantes. Ajuda diretamente os jovens infratores a limpar os muros pichados, levando-os depois às suas casas. Em quatro meses, quarenta jovens, entre 12 e 21 anos, receberam essa lição e mudaram suas posturas. Quando seu argumento falha, recorre à polícia. Agora o caudístico está estimulando os pichado-

res arrependidos a fundar uma associação ou clube.

Atitudes como essas, do juiz, do advogado e de ex-pichadores (não confundir com grafiteiros, que são artistas em potencial e que sabem respeitar o bem público) servem de exemplo a ser seguido em todo país.

Os pichadores têm de ser desestimulados em sua conduta negativa. Devem ser mantidos em sua insignificância (nada de fotografias nem notícias publicadas com destaques de seus nomes pelas falcatruas feitas). E merecem receber corretivos adequados e sensatos para aprender a respeitar o bem público. Até passarem por exames psicológicos e psiquiátricos. Se tais procedimentos forem colocados em prática em todas as cidades, certamente este modismo infanto-juvenil da pichação se esvaziará e passará mais rápido, como outros modismos passaram.

Os jovens necessitam de auto-afirmação e de autovalorização para satisfazer o natural narcisismo. Mas precisamos saber que há vários caminhos sadios e positivos a percorrer e que os levarão ao destaque e à vitória. Sem necessidade de sujeiras, de atos de vandalismo, desrespeito ou destruição do bem público.

• Edmundo Maia é psiquiatra, ex-diretor da Divisão Nacional de Saúde Mental e diretor da Clínica Maia.

No dia 12 de fevereiro passado realizou-se, em Piracicaba, reunião distrital da diretoria da APM. Na ocasião, em sessão solene, foram homenageados médicos que se distinguiram na profissão, aos quais foram entregues placas de prata. O primeiro a recebê-la foi o doutor Legaredeth Consolmagno, natural de Rio das Pedras, formado pela Faculdade de Medicina do Paraná, turma de 1952. Desde os primeiros anos de formado viu despertar sua vocação para a Oftalmologia. Fundou o Banco de Olhos de Piracicaba, a Associação Brasileira de Bancos de Olhos e mais dezesseis Bancos de Olhos através do Lions Club Internacional. Porém, as suas atividades médicas não ficaram limitadas à especialidade. Participou intensamente de campanhas nacionais de vacinação, lepra etc. Presidiu entidades médicas, coordenou câmaras de divulgação de assuntos médicos etc. Sua liderança inata fê-lo presidir o Clube de Campo de Piracicaba e dirigir a Sociedade de Cultura Artística da cidade. Homem de grande erudição, cujos feitos ficarão, junto com o seu nome, inscritos nas mais caras tradições do exercício médico.

O outro homenageado foi o doutor Ângelo Nogueira Vila, nascido em Sallent, Espanha, e naturalizado brasileiro. Viveu a infância em Mogi Guaçu e formou-se em Medicina na Faculdade Paulista, turma de 46. Desde cedo inclinou-se para a Crenoterapia, exercendo o mister desde 49, até hoje, na Estância Hidromineral Águas de São Pedro. Participou de incontáveis congressos médicos, ministrou inúmeras conferências sobre o bem que as águas termais podem fazer ao homem, disse das suas propriedades curativas e preventivas, dos usos e costumes. Porém, suas atividades transcendiram a Medicina, indo fixar-se na política. Assim é que, com apenas trinta anos, tornou-se prefeito de Águas de São Pedro, cargo que voltou a ocupar na década de 70. Entre um mandato e outro, elegeu-se vereador e foi reeleito mais quatro vezes, sendo o mais votado em todas as eleições de que participou, salvo em uma, quando ficou em segundo lugar. Muito querido na cidade, foi agraciado com o título de Cidadão Benemérito, por ocasião de seus vinte e cinco anos de vida pública. Suas obras serão sempre exaltadas, seus acordes serão sempre ouvidos pelas gerações que hão de vir.

• • •

No dia 13 de fevereiro passado, o prof. Edmundo Maia reuniu, na Clínica Maia, a velha guarda da Psiquiatria paulista do Hospital de Juqueri. Estavam presentes ao evento vários expoentes da especialidade, que se reuniram em festivo almoço. No Suplemento Cultural do próximo mês sairá artigo a respeito. G.A.P.

"... Nada há nas suas entrelinhas..."

Resposta a uma carta

Nas 'minhas' entrelinhas nada pus? No pequeno espaço branco não coube o meu sentir, a minha saudade? Mas eu consegui, até com certa facilidade, entremear ali um mundo de sentimentos... Por que não foram sentidos, se, ao revesti-los vibrou o meu ser, umedececeram os meus olhos, palpitou mais alto o meu coração, medei, pesei cuidadosamente o colorido de cada letra, de cada fonema, de cada palavra e tudo estava correto com as minhas vibrações? Nada esvoaçou, nada se perdeu, até o perfume aprisionei...

Lembre-me: a palavra SAUDADE, cada letra foi burilada, polida, envernizada com as mais belas cores da minha paleta; senti, então, a aprovação da minha alma...

Se nas entrelinhas nada há, também é vazio de sentimento o espaço de cada pontinho da reticência, também não há som entre uma nota musical e outra, também está ausente o colorido entre uma pétala e outra, entre uma flor e outra; nada existe, então, entre dois olhares; nada significa, não tem conteúdo o espaço de tempo de espera do bem-amado e é desprovido de sentimento o segundo entre a solicitação e a doação do primeiro beijo... Entretanto, nesse fugitivo segundo há tantas e tão belas vibrações que só o engenho do cérebro cria e o coração capta e compreende...

É o momento sublime da criatividade, dos sonhos que se prolongam, da SAUDADE que "nos punge delicio-

samente" e nos desperta um mundo de lembranças...

Há, sim, um mundo oculto que, se não o vemos, o sentimos na sua totalidade e na sua variedade, que retrocede a um passado recente ou longínquo e se projeta, que vai da infância à velhice, do átomo ao infinito, da Terra ao Céu... Nesse espaçozinho cabe o sorriso da mãezinha ao ver pela primeira vez o seu recém-nascido e já o vê jovem, belo e forte e glorioso; há a ansiedade do noivo que, no altar, mede os segundos do retardo da noiva; há os mil sonhos do namorado; há a volta dos devaneios juvenis na lembrança do velho guerreiro vitorioso; há, há, há... tantas recordações belas, reconfortantes, divinas, poderosamente divinas, como as múltiplas e mi-

lagrosas virtudes da gota retida na pequenina ampola... há, há, há... o céu com o Sol e as miríades de estrelas e planetas; há, há, há... a Terra com os seus tesouros escondidos, com seus minérios, com a sua potencialidade de fazer germinar a infima semente nela atirada pelo divino semeador; há o 'lírio do campo' com toda a sua beleza e esplendor, o fruto colorido e saboroso,

há, há, há... o homem feito à imagem e semelhança do CRIADOR, lindamente misterioso em todas as suas atividades físicas, psíquicas e sociais...

há, há, há... o UNIVERSO... revestido de AMOR
Silvio Marone